



o GÊNERO NOTÍCIA ONLINE E O FENÔMENO DAS FAKE NEWS: REFLEXIVIDADE E AGENTIVIDADE NO ENSINO BÁSICO

*THE ONLINE NEWS GENRE AND THE FAKE NEWS PHENOMENON:
REFLEXIVITY AND AGENTIVITY IN BASIC EDUCATION*

*EL GÉNERO NOTICIA ONLINE Y EL FENÓMENO DE LAS FAKE NEWS:
REFLEXIVIDAD Y AGENTIVIDAD EN LA EDUCACIÓN BÁSICA*

 **Eduardo Silva Simioni**

Licenciado em Letras e Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo

Universidade Federal de Santa Maria – UFSM 
Santa Maria, Rio Grande do Sul – Brasil.
eduardo.simioni@acad.ufsm.br

 **Francieli Matzenbacher Pinton**

Doutora em Letras

Universidade Federal de Santa Maria – UFSM 
Santa Maria, Rio Grande do Sul – Brasil.
francieli.matzenbacher@gmail.com

Resumo: Este artigo focaliza o processo de leitura de exemplares do gênero notícia *online* e o fenômeno das *Fake News*, com o objetivo de compreender em que medida os alunos no Ensino Básico posicionam-se reflexivamente e percebem-se como agentes na construção de sentidos. Partindo de uma perspectiva interdisciplinar, este trabalho se encoraja nas Teorias da Comunicação e da Linguística, de modo que, quando articuladas, ambas correntes forneçam subsídios teóricos para avaliação dos procedimentos empregados pelos alunos para a leitura e a representação discursiva sobre notícias *online* e *Fake News*. Esta investigação, a partir de uma metodologia de Estudo de Caso, cujo universo de análise compreende alunos do Ensino Básico de uma turma de escola pública de Santa Maria (RS), focaliza o entendimento desses alunos a respeito de *Fake News*, de notícia e de suas leituras desses textos. O corpus foi gerado a partir de um questionário semi-estruturado pela plataforma *Google Forms*, com perguntas abertas e fechadas. A análise demonstra que os participantes da pesquisa conseguem mapear, identificar e representar discursivamente o que são *Fake News*. Considerando, no entanto, as estratégias de leituras realizadas pelos alunos, os dados evidenciam que ainda não contemplam a perspectiva crítica-reflexiva proposta pelo Letramento Crítico.

Palavras-chave: letramento crítico; *fake News*; gênero notícia; ensino básico.

Para citar - (ABNT NBR 6023:2018)

SIMIONI, Eduardo Silva; PINTON, Francieli Matzenbacher. O gênero notícia *online* e o fenômeno das *fake news*: reflexividade e agentividade no ensino básico. *Eccos - Revista Científica*, São Paulo, n. 70, p. 1-18, e25011, jul./set. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/eccos.n70.25011>



Abstract: This article focuses on the process of reading copies of the online news genre and the phenomenon of Fake News, with the aim of understanding the extent to which Basic Education students position themselves and reflectively perceive themselves as agents in the construction of meanings. Starting from an interdisciplinary perspective, this work is based on the Theories of Communication and Linguistics, so that, articulated, both streams provide theoretical subsidies for evaluating the procedures used by students for reading and discursive representation about online news and Fake News. This investigation, based on a Case Study methodology, whose universe of analysis comprises Basic Education students from a public school class in Santa Maria (RS), focuses on the understanding of these students regarding Fake News, news and their readings of these texts. The corpus was generated from a semi-structured questionnaire using the Google Forms platform, with open and closed questions. The analysis shows that the research participants are able to map, identify and discursively represent what Fake News is. Considering, however, the reading strategies carried out by the students, the data show that they still do not contemplate the critical-reflective perspective proposed by Critical Literacy.

Keywords: critical literacy; fake news; news genre; basic education.

Resumen: Este artículo se centra en el proceso de lectura de ejemplares del género noticia online y el fenómeno de las Fake News, con el objetivo de comprender en qué medida los estudiantes de Educación Básica se posicionan y se perciben reflexivamente como agentes en la construcción de significados. Partiendo de una perspectiva interdisciplinar, este trabajo se fundamenta en las Teorías de la Comunicación y la Lingüística, de modo que, articuladas, ambas corrientes aportan subsidios teóricos para evaluar los procedimientos que utilizan los estudiantes para la lectura y representación discursiva sobre noticias online y Fake News. Esta investigación, basada en una metodología de Estudio de Caso, cuyo universo de análisis comprende estudiantes de Educación Básica de una clase de escuela pública de Santa María (RS), se centra en la comprensión de estos estudiantes sobre Fake News, noticias y sus lecturas de estos textos. El corpus se generó a partir de un cuestionario semiestructurado utilizando la plataforma Google Forms, con preguntas abiertas y cerradas. El análisis muestra que los participantes de la investigación son capaces de mapear, identificar y representar discursivamente lo que son las Fake News. Considerando, sin embargo, las estrategias lectoras realizadas por los estudiantes, los datos muestran que aún no contemplan la perspectiva crítico-reflexiva propuesta por la Literacidad Crítica.

Palabras clave: literacidad crítica; *fake News*; género noticia; educación básica.

Introdução¹

A partir dos processos oriundos da evolução tecnológica que circulam livremente nos ambientes digitais surgem as chamadas *Fake News*. Potencializadas pelos novos meios de produção e distribuição no ambiente de *web*, as *Fake News* vêm ocupando um espaço importante no consumo diário de informação de leitores e internautas (Tandoc Jr. *et al*, 2018). Assim, o debate público atual tem procurado compreender os fenômenos políticos e linguísticos implicados na sua produção e circulação bem como clarificar a população sobre o consumo de notícias falsas com valor de verdade.

Nesse sentido, esta investigação, a partir dos pressupostos teóricos do Letramento Crítico (Janks, 2016; Menezes Jordão, 2016; Carbonieri, 2016; Shor, 1999), articulados com as Teorias da Comunicação, propõe lançar um olhar atento para o fenômeno das *Fake News* no contexto escolar, a fim de responder em que medida os alunos do Ensino Básico posicionam-se reflexivamente e se percebem como agentes construtores de sentido no processo de leitura de *Fake News*?

Para dar conta dessa pergunta, dois movimentos teóricos basilares sustentam o processo reflexivo desta pesquisa. Inicialmente apresentamos os principais conceitos que conformam o entendimento de como as *Fake News* surgem e circulam no seio social, operacionalizados pelas contribuições do campo da Comunicação, em especial, do Jornalismo. Após, consideramos as contribuições do campo da Linguística para pensar Letramento Crítico como uma abordagem que propõe a leitura agentiva, reflexiva e crítica. Os movimentos subsequentes deste artigo residem na apresentação do percurso metodológico, na sumarização dos resultados considerando as dimensões do Letramento Crítico em termos de compreensão, análise e avaliação.

Jornalismo como ancoragem: *Fake News* e seus princípios formadores

Legitimado ao longo de sua história como lugar de circulação e mediação de diferentes discursos sociais, o jornalismo assume assim uma dupla condição como mediador dos discursos sociais e como prática profissional com valores e técnicas de atuação. Nesse sentido, Franciscato (2005) elucida pelo menos oito processos sócio-históricos que definem o jornalismo: 1) princípios que singularizam a prática e o produto jornalístico (ideia de verdade e de real, fidelidade ao real, produtos que dão a capacidade de vivenciar o tempo presente); 2)

¹ O presente trabalho foi desenvolvido com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) - Código de Financiamento 001.

garantia de legitimidade social historicamente fundada que reconstrói discursivamente o mundo, por meio da fidelidade do seu relato e os fatos cotidianos; 3) atuação em um ambiente que limita suas capacidades de produção em função de um contexto espaço-temporal; 4) formatos que são produto de modelos históricos de desenvolvimento da cultura, da economia, da política e da tecnologia; 5) notícia como um recorte da realidade, por meio da descrição e interpretação do jornalista e sua equipe; 6) existência de um diálogo entre a instância da produção e da recepção; 7) trabalho que oscila entre o autoral e coletivo (no primeiro caso considera a subjetividade do autor; e no segundo caso, o trabalho em equipe, ou seja, a divisão da produção e das decisões entre vários profissionais); 8) produto, que é de uso público, pois rompe a esfera dos laços de intimidade da vida privada. Ao ocupar estes dois lugares – como mediador de discursos sociais diversos e como prática profissional que se vale dos valores de “verdade e objetividade” – o jornalismo se apropria do discurso que visa a recontextualizar acontecimentos do cotidiano em notícias.

Esse discurso de “objetividade” não é, porém, sustentado pela sua operacionalização na esfera da apuração e redação do seu texto. A objetividade é o que sustenta o discurso, mas ele próprio se coloca na esfera do subjetivo e do interpretativo. Nesse sentido, pontua Pena:

a objetividade é definida em oposição à subjetividade, o que é um grande erro, pois ela surge não para negá-la, mas sim por reconhecer sua inevitabilidade. Seu verdadeiro significado está ligado à ideia de que os fatos são construídos de forma tão complexa que não se pode cultuá-los como a expressão absoluta da realidade. Pelo contrário, é preciso desconfiar desses fatos e criar um método que assegure algum rigor científico ao reportá-los. (2005, p.50)

O que desliza no discurso jornalístico é justamente a ideia de construção da realidade, visto que a subjetividade no discurso jornalístico é marcada por modos de percepção e apropriação da realidade. Segundo Traquina (2005, p. 17) ao citar os trabalhos de Tuchman (1976), a notícia oferece definições da realidade social, e, por isso, conta histórias, conforme os enquadramentos dados à realidade. Ainda segundo Traquina (2005, p. 19), “embora o paradigma das notícias como narrativa não signifique que sejam ficção”, o autor questiona o conceito das notícias como espelho da realidade. O jornalismo não produz ficção, pois está ancorado na realidade, mas o fato de construí-la, a partir de seus enquadramentos, parece negar a ideia de que o jornalismo apresenta a realidade tal como ela é, sob a forma como Teoria do Espelho entende o campo jornalístico. Segundo essa teoria, “as notícias são como são porque a realidade assim as determina” (Traquina, 2005, p. 146). O jornalista, nesse processo, é uma espécie de comunicador isento de interesses específicos a defender, visando somente procurar a verdade e contar o que aconteceu (Traquina, 2005, p. 147).

Essa concepção de espelho da realidade parece atravessar o imaginário social a respeito da função do jornalismo, pois quando as marcas de subjetividade aparecem no texto noticioso, o discurso jornalístico perde forças no seio social. Porém, o que ainda pode garantir a legitimidade são suas práticas profissionais que alimentam a comunidade leitora de informação. Essas práticas partem do pressuposto do interesse público, também conhecidas como “critérios de noticiabilidade”, que recontextualizam o acontecimento jornalístico a partir de “sua potencialidade de produção de resultados e novos eventos, quando transformados em notícia” (Hohlfedlt, 2001, p. 208) e motivados por critérios do próprio campo jornalístico, como importância, interesse, atualidade, impacto, quantidade de pessoas envolvidas, entre outros.

Ao observar esses conceitos que fundamentam o jornalismo, é possível entender que se trata de uma prática profissional, com um objeto de trabalho específico (acontecimentos), que se vale de critérios do campo para definir o que é notícia. Desse modo, o texto jornalístico é pautado nos valores que, em grande medida, definem a profissão: a ideia de real (assumida por uma construção de realidade) e de verdade, que se unem para a afirmação da profissão no seio social.

Se o jornalismo assume seu discurso de objetividade e verdade para mediatizar acontecimentos do cotidiano a partir de uma prática profissional pautada em critérios do campo que observam o interesse público, o próprio discurso jornalístico se fragiliza no seio social ao ser tomado como o “espelho da realidade” e ao praticar, em alguns casos, a espetacularização e a exploração da informação a partir da lógica comercial. É diante destas fragilidades do discurso jornalístico que as *Fake News* ocupam seu espaço de circulação e legitimação.

Diametralmente oposto ao discurso jornalístico, surgem as *Fake News*, que por definição,

são notícias falsas nas quais existe uma ação deliberada para enganar os consumidores. Não coincide com o conceito de false news, que por sua vez, não partem de ação deliberada, mas de incompetência ou irresponsabilidade de jornalistas na forma como trabalham informações fornecidas por suas fontes. (Meneses, 2018, p. 40).

Um mapeamento realizado pela UNESCO, em trabalho intitulado “*Journalism, ‘Fake News’ & Disinformation: Handbook for Journalism Education and Training*” organizado por Ireton e Posseti (2019), apresenta alguns fundamentos que sustentam o conceito de *Fake News*. Um dos trabalhos do manual da UNESCO é de autoria de Wardle e Derakhshan (2019) e busca distinguir o termo “desinformação” e “informação incorreta”, segundo o qual este seria um conteúdo com informação falsa em que o leitor compartilha acreditando ser verdadeira; e aquele

seria um conteúdo com informação falsa o qual o leitor compartilha sabendo que é falsa e assim o faz deliberadamente (2019, p. 47). Ambos os termos são definidos como *Fake News*.

Essa reflexão proposta por Wardle e Derakhshan (2019) evoca a definição de Meneses (2018) que convida a pensar sobre o ponto de partida das *Fake News* no campo jornalístico, visto que não produzidas por jornalistas, mas sim por outros grupos com o intuito deliberado de ludibriar a audiência, partindo, geralmente, por imitação de gêneros jornalísticos com vistas a simular credibilidade. Tandoc Jr. *et al* (2018, p. 11) compreendem o processo de apropriação do discurso jornalístico pelas *Fake News* de forma que “as notícias falsas se escondem sob um verniz de legitimidade, pois assumem alguma forma de credibilidade ao tentar parecer notícias reais”. Segundo Träsel *et al* (2019, p.482) acontece, nesse fenômeno, um empréstimo das “marcas discursivas de uma instituição social dos Estados democráticos para levar o leitor a conferir maior credibilidade a seu conteúdo”.

Nesse sentido, os trabalhos de Tandoc Jr. *et al* (2018) elencam pelo menos seis categorias que propõem modos de definição de *Fake News*: 1) sátira; 2) paródia; 3) fabricação; 4) manipulação; 5) publicidade e relações públicas; 6) propaganda. Todos estes conceitos não são definitivos, mas buscam compreender os processos que podem estar imbricados no fenômeno de *Fake News*. Considerando o objetivo desta pesquisa, vale o destaque para as categorias de manipulação e fabricação.

A manipulação é entendida aqui como manipulação de imagens. Segundo os autores, a prática de manipulação de imagens ganhou mais força com o advento do digital, permitindo recursos que facilitem a edição das imagens e massificando o compartilhamento pelo público internauta. Muitos desses compartilhamentos acontecem sob a forma de deslocar o contexto da foto para outra situação, oferecendo, portanto, uma informação falsa.

A fabricação é outro processo que pode estar relacionado diretamente com o fenômeno das *Fake News*, pois, diferentemente da sátira e da paródia, que intentam a produção do humor por meio do empréstimo das marcas do discurso jornalístico, aqui existe a intenção de produzir desinformação. Em razão disso, segundo Tandoc Jr. *et al* (2018, p. 7), “o leitor enfrenta novas dificuldades para verificar as informações, pois as notícias fabricadas também são publicadas por organizações não jornalísticas ou indivíduos comuns sob um verniz de autenticidade”². Segundo os autores, essas notícias também são publicadas em redes sociais e, assim, legitimam-

² Traduzido do original: The reader faces further difficulty in verification since fabricated news is also published by non-news organizations or individuals under a veneer of authenticity by adhering to news styles and presentations.

se no seio social, tendo em vista que quem envia para os usuários tais informações falsas são pessoas de sua confiança.

Tandoc Jr. *et al* (2018) propõem uma tipologia da definição das *Fake News* baseadas na facticidade e na intencionalidade do texto informativo. A *facticidade* está ligada ao processo de gradação das *Fake News* em relação à realidade, a partir de conteúdos factuais, variando de Alto para o Baixo. Já a *intencionalidade* está ligada ao processo gradativo de o quanto que o autor do conteúdo está disposto a ludibriar a audiência, também variando do Alto para o Baixo.

Sátira e Paródia, por exemplo, são duas categorias que não alinham seus processos no intuito de ludibriar a audiência, pois há estabelecido um acordo entre a instância da produção e da recepção que o conteúdo informativo não tem outra intenção se não apenas a de provocar o humor. Os outros quatro modos, por não terem vinculação ou acordo estabelecido com a audiência e os leitores, provocam, portanto, níveis de intenção imediata de enganar o leitor de forma mais acentuada, com destaque para a fabricação e a manipulação que possuem baixo nível de relação com a realidade, ou seja, baixa facticidade.

Letramento Crítico: agência e reflexão dos sujeitos leitores

Entendendo a língua como uma prática social que está além do texto e que dialoga não só com o linguístico, mas com as posições dos sujeitos no processo de leitura e escrita, o Letramento Crítico, segundo Carbonieri, “interroga as relações de poder, os discursos, ideologias e identidades estabilizados, ou seja, tidos como seguros ou inatacáveis” e promove “meios para que o indivíduo questione sua própria visão de mundo, seu lugar nas relações de poder estabelecidas e as identidades que assume” (2016, p. 133).

Nessa linha, Shor (1999, p. 3) afirma que o Letramento Crítico permite que examinemos nosso próprio desenvolvimento contínuo, para que sejam reveladas as posições subjetivas de que somos constituídos e a partir das quais entendemos o mundo e agimos sobre ele. Esse processo de reflexividade do eu-sujeito como agente de práticas sociais de linguagem é objeto do Letramento Crítico, entendido por Menezes Jordão (2016) a partir de uma abordagem educacional. Essa abordagem compreende a escola como um lugar onde seres inteligentes coabitam e carregam consigo seus diferentes conhecimentos. Tais conhecimentos, quando compartilhados, vão construir o mundo como espaço que a autora denomina de “agência criativa e transformadora” (2016, p. 43).

A autora adverte que o Letramento Crítico não é uma perspectiva para a qual “vale tudo”. A ideia é que o Letramento Crítico ocupe uma posição no ensino de desenvolver no

aluno uma percepção de si mesmo, de modo reflexivo, como um sujeito agente na construção de sentidos, que os valora a partir de seus universos de referência e não a partir de verdades supostamente dadas como absolutas ou essencialidades ligadas à natureza das coisas e das pessoas (2016, p. 46). Tal entendimento também é defendido por Almeida (2020, p. 1425), que define o Letramento Crítico como um ensino de língua que conduz o aluno a entender e participar do processo de discussão do contexto social, político e ideológico no qual está inserido.

A reflexividade proposta pelo Letramento Crítico mobiliza uma série de questionamentos que estimulam o sujeito-agente a realizar uma leitura crítica, a partir da interação leitor/texto (Menezes Jordão, 2016). Segundo Janks (2016), ao ler um texto, o sujeito deve questionar quais interesses estão sendo atendidos. Para isso, a autora (Janks, 2016, p. 21) apresenta questões norteadoras: i) quem se beneficia e para quem esta posição ofertada é desvantajosa?; ii) quem inclui e quem exclui?; iii) como essa situação, pessoa ou ação são construídas? iv) há outras possibilidades para interpretar o que acontece?; v) quais as possíveis consequências sociais dessa visão de mundo?

Como uma abordagem de ensino, Shor (1999) explicita que os defensores do Letramento Crítico evidenciam que

[...] nenhum processo de aprendizagem é isento de valores, nenhum currículo evita a ideologia e as relações de poder. Ensinar é estimular seres humanos a se desenvolverem em uma direção ou outra. Ao promover o desenvolvimento do aluno, cada professor escolhe algumas matérias, algumas formas de saber, algumas formas de conversar e relacionar, em vez de outras. Essas escolhas orientam os alunos a mapear o mundo e sua relação com ele (1999, p. 23-24, tradução nossa)³.

Nesse sentido, escola ocupa a posição de desenvolver práticas de ensino que permitam ao aluno reconhecer seu papel, sua influência e sua leitura do mundo. A escola é, então, lugar onde o aluno se constitui como um sujeito crítico não apenas a respeito do mundo exterior, mas também como indivíduo leitor de suas próprias individualidades, que tanto o aproximam quanto o distanciam dos demais sujeitos do mundo.

Os trabalhos desenvolvidos por Kummer e Hendges (2020) ajudam a encaminhar o entendimento das dimensões e dos objetivos do Letramento Crítico. Pinton *et al.* (2022), ao revisar os trabalhos de Kummer e Hendges (2020), apresentam uma sistematização da

³ Traduzido do texto original: [...] no learning process is value-free, no curriculum avoids ideology and power relations. To teach is to encourage human beings to develop in one direction or another. In fostering student development, every teacher chooses some subject matters, some ways of knowing, some ways of speaking and relating, instead of others. These choices orient students to map the world and their relation to it.

perspectiva do Letramento Crítico em termos de dimensões, níveis e objetivos quando considerada a prática de leitura no contexto escolar (Quadro 1).

Quadro 1 - Dimensões, níveis e objetivos do Letramento Crítico

LEITURA EM PERSPECTIVA DE LETRAMENTO CRÍTICO	
Dimensões e seus respectivos níveis de Letramento Crítico	Objetivos do Letramento Crítico
Lendo o texto (compreensão)	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar o objetivo do texto; - Relacionar o texto e contexto de produção, circulação e consumo; - Perceber relações de intertextualidade; - Identificar se o autor inclui a sua perspectiva sobre eventos e pessoas; - Analisar as escolhas lexicais e gramaticais, relacionando-as às visões de mundo do autor do texto.
Lendo-me (análise)	<ul style="list-style-type: none"> - Comparar valores, crenças ou experiências representados no texto com a sua própria experiência, valores e crenças; - Reconhecer e identificar a sua posição de leitor em relação à posição do autor do texto.
Emancipando-me criticamente (avaliação e ação)	<ul style="list-style-type: none"> - Produzir apreciações estéticas e afetivas; - Elaborar apreciações referentes a valores éticos e políticos; - Posicionar-se respeitosamente sobre diferentes pontos de vista; - Problematizar significados expressos nos textos ou situações, considerando visões de mundo; - Formar posições alternativas e múltiplos pontos de vista, demonstrando reflexividade crítica; - Engajar-se em atos de intervenção e transformação social.

Fonte: Elaborado por Pinton *et al.* (2022), com base em Kummer e Hendges (2020).

A partir dessa abordagem, é possível pensar em como o Letramento Crítico pode contribuir para o processo de agentividade e reflexividade do sujeito-leitor, quando este é exposto a uma notícia falsa (*Fake News*). O sujeito-leitor poderá, portanto, a partir do seu universo de referências, detectar os aspectos linguísticos do texto bem como as relações de poder, apagamentos e discursividades que configuram uma notícia falsa.

Universo, *corpus* e procedimentos analíticos

O universo de análise desta pesquisa compreende 19 estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental, da rede pública, de uma escola do interior do Rio Grande do Sul. Esses estudantes são jovens que, em certa medida, consomem informações no ambiente de *web* (sites jornalísticos, redes sociais, aplicativos de *chat* e etc.) e que, em algum momento da sua escolaridade, tiveram contato com o gênero notícia.

O *corpus* foi gerado a partir de um questionário semi-estruturado, desenvolvido na plataforma *Google Forms* e aplicado de forma *online*, com foco na experiência leitora do aluno no que diz respeito a notícias e a *Fake News*. Como procedimento analítico, empregamos o método de identificação de recursos ricos em significação, de Barton (2002). Barton com base em Huckin (1992), entende que tal procedimento deve ser conduzido em seis etapas: 1) seleção de um *corpus* inicial, que vai compor a pesquisa; 2) identificação de padrões salientes a partir de uma análise exploratória e intuitiva do *corpus*; 3) determinação do que é “interessante”, de modo a observar quais padrões são relevantes em estudo de composição; 4) seleção do *corpus* de estudo (amostragem); 5) verificação de padrões (codificação, contagem e outras formas de análise empírica); 6) desenvolvimento de uma análise retórica-funcional (explicação do significado de um padrão em seu contexto).

Com as respostas geradas, foram selecionados os elementos que conformam um padrão de ocorrência relevante para a realização da análise e, então, foram analisados e discutidos a partir dos significados ao qual são incorporados no texto e a sua conexão com o contexto (Barton, 2002, p. 60). Nas análises das respostas dos alunos, adotamos a identificação dos participantes pela sigla AEBn^ox e SDn^oy, sendo AEB referente a “Aluno do Ensino Básico”, x referente ao número que o identifica, SD referente à “Sequência Discursiva” e y referente ao número que a identifica.

Para a apresentação dos resultados desta pesquisa que visa responder como os estudantes da escola básica Básico se posicionam reflexivamente e se percebem como agentes construtores de sentido no processo de leitura de *Fake News*, organizamos o relato em três seções assim denominadas: i) “Eu leio” – Notícia e *Fake News* como fenômeno linguístico e social; ii) “Eu percebo” – estratégias empregadas para ler notícias e *Fake News* e, por fim, “Eu me leio e me emancipo?” – os níveis de Letramento Crítico para a prática de ler.

“Eu leio” – Notícia e *Fake News* como fenômeno linguístico e social

Considerando o contexto investigado, 78,9 % dos participantes consomem informações por meio da internet, especialmente em redes sociais; enquanto 21,1% se informam eventualmente em sites de jornais e revistas.

Se considerarmos que o quadro de referências dos leitores para a leitura de um texto de modo agentivo na construção de sentidos depende das suas experiências e vivências, é importante apontar que 63,2% desses jovens possuem o hábito de acessar os mesmos portais de informação, o que revela o impacto das redes sociais, especialmente aquelas em que a prática

do *blog* é mais comum, por exemplo Instagram e o YouTube em que as produções de conteúdo são majoritariamente midiaticizadas *por digital influencers*⁴. Em relação a sites, o site mais mencionado pelos estudantes é o G1, do grupo Globo, dado que reforça a mídia tradicional de massa no que diz respeito ao consumo de informações mesmo em ambiente de internet.

No que diz respeito ao processo de identificação de notícia de *Fake News*, a notícia foi associada recorrentemente a vocábulos do campo semântico do verdadeiro. Para esse grupo de alunos, as notícias apresentam a realidade, ou seja, os fatos reais do mundo.

AEB08 – SD nº 1: Notícias são informações **verdadeiras** e *Fake News* são **"notícias" falsas**.

AEB16 – SD nº 2: A notícia tem **fatos verdadeiros** ao contrário das Fake News.

AEB17 – SD nº 3: A notícia **realmente aconteceu** e a Fake News foi **algo inventado**.

A distinção entre notícias e *Fake News* é realizada especialmente pela perspectiva da fonte e do site confiável. Os sites jornalísticos, vinculados aos grandes jornais e portais de informação generalista e escrita por jornalistas, são entendidos, portanto, como confiáveis. Assim, notícia, para os estudantes, parece estar associada à Teoria do Espelho, que mostra os fatos verdadeiros e os acontecimentos com fontes reais. As sequências discursivas 4 e 5 apresentam os adjetivos “reais” e “não confiáveis”, de modo a ilustrar as representações dos alunos para qualificar as fontes e os sites, respectivamente.

AEB04 – SD nº 4: Que a notícia é algo real, que foi comprovado, que tem **fontes reais**.

AEB09 – SD nº 5: Sites **não confiáveis** e formas diferentes de apresentar a notícia.

AEB10 – SD nº 6: **A fonte**, pois muitas [notícias] não são confiáveis.

Para definir *Fake News*, das 19 respostas fornecidas, 17 utilizam lexemas do campo semântico da “falsidade”:

AEB01 – SD nº 7: Notícias **que enganam as pessoas**.

AEB02 – SD nº 8: **Notícias falsas** que são compartilhadas pelas pessoas que acreditam nelas.

AEB12 – SD nº 9: Fake News são **notícias falsas** que ocorrem na Internet através de **contas e publicações não verdadeiras**.

Dessa maneira, as definições formuladas pelos estudantes aproximam-se daquelas apresentadas no Manual da UNESCO (2018), a respeito dos conceitos que atravessam o termo *Fake News*: desinformação (SD nº 10, 11 e 12) e informação incorreta (SD nº 13, 14 e 15).

⁴ Segundo o site CanalTech, *Digital Influencer* “é a pessoa que detém o poder de influência em um determinado grupo de pessoas. Esses profissionais das redes sociais impactam centenas e até milhares de seguidores, todos os dias, com seu estilo de vida, opiniões e hábitos)”. Disponível em: <https://canaltech.com.br/redes-sociais/digital-influencers-afinal-o-que-e-ser-um-influenciador-nas-redes-162554/>. Acesso em: 11 dez. de 2022.

AEB07 – SD nº 10: **Notícias falsas** que servem para ganhar *views*, praticamente para compartilhar algo para **derrubar alguém**.

AEB09 – SD nº 11: São notícias que circulam com muita facilidade pra **enganar muitas pessoas**. São notícias que **iludem quem está se informando**.

AEB11 – SD nº 12: São **notícias falsas** que outras pessoas espalham para **enganar**.

AEB02 – SD nº 13: **Notícias falsas** que são **compartilhadas** pelas pessoas que acreditam nelas.

AEB05 – SD nº 14: **Notícias fakes** em que pessoas **estão compartilhando sem saber** se é real.

AEB13 – SD nº 15: Quando a pessoa **publica algo** que **não é real**

Os estudantes reforçam notícia e *Fake News* como conceitos dicotômicos entre o que é verdade e o que é falso. Nesse contexto, os participantes parecem não perceber que o discurso jornalístico oferece enquadramentos da realidade (constrói um efeito de real a partir de uma subjetividade que fornece ao acontecimento jornalístico modos de percepção e apropriação da realidade), o que implicaria a leitura em uma perspectiva de Letramento Crítico em alguma medida. A ideia proposta pelo Letramento Crítico de questionar os textos com vistas a desvelar suas intenções e interesses não se aplica ao conceito de notícia desse grupo.

Nesse sentido, constatamos que os estudantes, em grande medida, identificam *Fake News* como um texto com conteúdo informativo falso e com fontes não confiáveis, fazendo oposição direta ao conceito de notícia, que são fatos verdadeiros e com fontes confiáveis. Ainda que as formulações apresentadas pelos estudantes encaminhem para o entendimento de que *Fake News* estão relacionadas à ideia de informação falsa, a partir do uso dos lexemas do campo semântico da “mentira” e da “falsidade”, existe uma diferença nessa concepção a partir das respostas dos estudantes. Essa diferença torna-se nítida quando um grupo de alunos entende as *Fake News* com a intenção de dano (desinformação), e outro grupo concebe as *Fake News* como uma informação falsa compartilhada de forma não proposital (informação Incorreta).

“Eu percebo” – estratégias empregadas para ler notícias e *Fake News*

Sobre as estratégias para ler notícias e *Fake News*, 47,4% dos alunos participantes afirmam já terem sido vítimas de *Fake News*. Dos 19 alunos, 9 responderam a uma pergunta, que era de natureza aberta, a respeito dos procedimentos adotados para identificar a informação de *Fake News*. Quatro alunos afirmam que verificam em sites de checagem ou que pesquisam na internet, ou seja, realizam *fact-checking*. Em relação às agências de *fact-checking*, 67% informam que acessam Fato ou Fake – Site G1, comprovando a força da mídia de massa tradicional na vida dos consumidores de informação pela internet, especialmente entre os mais jovens. Dois alegam terem ouvido algum comentário ou alerta de que a informação era *Fake*

News. Outros dois alunos informam que descobriram posteriormente em comentários e posts de redes sociais. E por fim, apenas um aluno participante disse que descobriu na seção “Onde erramos” de um jornal.

Quando questionados sobre os aspectos que costumam observar em um texto noticioso para saber se ele se configura como *Fake News*, destacaram i) ausência de fonte confiável (28%); ii) manchete espetacularizada: (28%); iii) acontecimento bizarro/estranho (18%); iv) site não jornalístico (14%); v) fotografia espetacularizada (7%) e vi) data de publicação (5%). A predominância do elemento como ausência de fonte confiável pode estar associada aos critérios que os estudantes consideram importantes para caracterizar uma notícia boa e confiável quais sejam: fontes de informação (41%), texto bem escrito (15%), ser escrita por alguém com credibilidade – jornalistas vinculados à jornais e revistas (15%), site onde foi publicada (13%), ser escrita por alguém com credibilidade – jornalistas blogueiros e YouTubers (8%) e ir ao encontro do que você acredita (8%). O grau de confiabilidade das fontes é, portanto, elemento importante, nesse contexto, tanto para ler notícias quanto para identificar *Fake News*.

Dos 19 alunos participantes, 89% declararam ter estudado gênero notícia na escola e recebido informações sobre o tema das *Fake News*. Cabe destacar que, ainda assim, os alunos, em grande medida, leem as notícias como espelho da realidade e tomam a mídia de massa como referência informativa (consumo e verificação dos fatos). Dessa forma, o estudo do gênero notícia parece ser fundamental para a compreensão não somente da composição desse gênero, mas também das discursividades inerentes a esse texto que impactam o seio social, especialmente quando o tema das *Fake News* é abordado.

Isso é reforçado quando relacionamos esses números com os dados apresentados anteriormente a respeito das concepções de notícia e *Fake News* pelos estudantes. Nesse viés, é possível inferir que, apesar de o gênero notícia e o tema das *Fake News* estarem presentes no contexto da escola, as práticas de Letramento Crítico não são contempladas em grande medida. Objetivos como “relacionar o texto e contexto de produção, circulação e consumo”, “identificar se o autor inclui a sua perspectiva sobre eventos e pessoas” e “analisar as escolhas lexicais e gramaticais, relacionando-as às visões de mundo do autor do texto” não parecem ser problematizados, o que explica, possivelmente, a presença da Teoria do Espelho no discurso dos estudantes. Ainda que não sejam problematizadas essas questões, os alunos avançam em relação às *Fake News*, compreendendo os impactos negativos causados pela desinformação, aspecto discutido em sala de aula segundo os participantes. Apesar desse aspecto positivo, em

nenhum momento, é destacada a reflexão sobre a existência e a circulação de *Fake News* bem como os interesses por trás da produção de conteúdo informacional falso.

Embora sejam destacados os impactos negativos da circulação de conteúdo falso, muitos alunos não conseguiram provar de forma efetiva, com base em elementos textuais e linguísticos, o porquê de sinalizarem como *Fake News* a notícia inserida no questionário investigativo. A notícia versa sobre vacinação contra a Covid-19 no Chile⁵ (Figura 1).

Figura 1 - Fake News sobre vacinação no Chile contra a Covid-19



Fonte: Site Diário do Poder

Para justificar que o texto é uma *Fake News*, os alunos participantes identificam prioritariamente aspectos como data e fonte, por exemplo.

AEB02 – SD nº 16: Eu acho que é uma *Fake News* pois a data não coincide com as notícias.

AEB05 – SD nº 17: Acredito que não é verdadeira, pois o Chile é um país bem desenvolvido e também com 90% da população vacinada, acho que não seria possível em 30 dias.

AEB13 – SD nº 18: Eu identifico como *Fake News* por conta da imagem e da descrição que não batem.

⁵ *Fact-checking* realizado pelo jornal Estado de Minas a respeito da desinformação sobre a vacinação contra a Covid-19 no Chile. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/factcheck/2021/06/27/interna_internacional,1280998/correlacao-entre-aumento-de-casos-de-covid-19-no-chile-e-uso-da-coronavac-e.shtml. Acesso em: 12 de dez. de 2022.

É notável, pois, a partir dos resultados obtidos até aqui, que os alunos focalizam recursos gráficos e textuais como elementos essenciais à definição de *Fake News*. Ao observar a Sequência Discursiva nº 17, é possível, no entanto, visualizar a não compreensão das informações presentes no texto que de certa maneira seriam chave para a identificação do conteúdo falso veiculado no texto. Por exemplo, o fato de a população do Chile não ter sido 90% vacinada, visto que a porcentagem apresentada se refere ao número de vacinados com o imunizante Coronavac apenas. Se existe uma lacuna de apropriação dos sentidos do texto, não é possível, portanto, avançar para os níveis de Letramento Crítico como “Lendo-me” e “Emancipando-me” (Kummer e Hendges, 2020 apud Pinton *et al.* 2022).

“Eu me leio e me emancipo?” – os níveis de Letramento Crítico para a prática de ler

Os dados gerados e analisados anteriormente corroboram os resultados que subsidiam o processo de análise da prática ou não do Letramento Crítico em sala de aula. Compreendemos que o Letramento Crítico perpassa, dentre outros aspectos, a atitude reflexiva do leitor, permitindo ao sujeito leitor construir propostas interventivas e transformadoras no mundo, de modo que o bem comum e as relações pessoais aconteçam por uma perspectiva humanista e ética.

Nesse sentido, foram propostas 10 (dez) afirmativas a respeito da prática de leitura para que os estudantes assinalassem as estratégias empregadas de forma mais ou menos recorrente (Quadro 2).

Quadro 2 – Questão 10 do instrumento de geração de dados

1. identificar o assunto ou tópico do texto;
2. identificar por que o autor escreveu o texto;
3. identificar o público-alvo a quem se dirige o texto;
4. verificar qual a visão de mundo e valores o autor assume no texto;
5. analisar quem poderia se sentir “excluído desse texto e por quê;
6. comparar alegações feitas no texto com seus próprios valores, crenças ou experiências;
7. analisar de que forma o leitor é “posicionado” em relação ao autor (amigo, oponente, invisível, alguém que precisa ser persuadido);
8. existem “lacunas ou “ausências” ou “silêncios” no texto;
9. identificar se há um grupo de pessoas ausentes que logicamente deveriam ser incluídas;
10. analisar se um autor escreve sobre um grupo sem incluir sua perspectiva sobre coisas e eventos.

Fonte: Os autores.

Sobre a prática de ler o texto, nível de compreensão, os alunos indicam de forma recorrente as afirmativas 4 e 10, contemplando sua visão e perspectivas de mundo ao representar um determinado grupo. Entretanto, nesse mesmo nível, os alunos participantes não

consideram os contextos de produção, circulação e consumo do texto (afirmativas 2 e 3) como ações que merecem atenção no ato de leitura, reafirmando uma prática de leitura orientada em grande medida pela Teoria do Espelho, que diverge da perspectiva de Letramento Crítico. Em relação às estratégias que correspondem ao nível da análise, os alunos participantes apresentam respostas muito distintas e com graus de importância pulverizados. Poucos alunos consideram ações importantes como analisar as exclusões de participantes do texto (afirmativa 5), comparar as alegações feitas no texto com as suas próprias visões de mundo (afirmativa 6), analisar como ele, enquanto sujeito leitor, é representado no texto (afirmativa 7), verificar as lacunas, ausências ou silêncios no texto (afirmativa 8) e identificar grupos ou pessoas ausentes que deveriam ser incluídas no texto (afirmativa 9).

Essas constatações permitem inferir que a leitura realizada pelos alunos não contempla de forma significativa o nível do compreender e do analisar, dimensões fundamentais para alcançar o nível mais sofisticado, que é o do avaliar, momento em que é evidenciada reflexividade crítica do leitor. Nesse sentido, ao tomar o gênero notícia e *Fake News* como textos, cujos propósitos necessitam de leituras pelo viés crítico-reflexivo, há evidências de que os alunos participantes não se percebem efetivamente como reflexivos e agentes do seu processo de construção de sentidos em grande medida.

Considerações finais

Neste relato de pesquisa, buscamos responder em que medida alunos do Ensino Básico posicionam-se reflexivamente e se percebem como agentes construtores de sentido no processo de leitura de *Fake News*. Nesse percurso investigativo, verificamos que os estudantes representam os gêneros notícia e *Fake News* como práticas dicotômicas pautadas pelos conceitos de verdadeiro e falso respectivamente. Nesse viés, o discurso jornalístico, produzido por jornalistas, é entendido como verdadeiro (Teoria do Espelho); e as *Fake News*, como informações falsas e mentirosas. Assim, concluímos que a representação sobre *Fake News* é tomada tanto pela perspectiva da desinformação quanto da informação incorreta, sendo as fontes fundamentais para diferenciar notícia de *Fake News*.

Ademais os estudantes, nesta pesquisa, demonstram não avançar de forma efetiva nos três níveis de Letramento Crítico (compreender, analisar e avaliar), diante de uma situação real de contato com desinformação, fato evidenciado pelos critérios que os estudantes julgam importantes para uma leitura crítica. Destacamos que os objetivos correspondentes ao nível do analisar não foram majoritariamente contemplados. Dessa maneira, o ato do “ler-se”,

fundamental para o processo de Letramento Crítico, não é perspectivado pelos alunos, revelando que eles não ainda se percebem como agentes construtores de sentido do que leem.

Reiteramos assim que o processo didático a ser empreendido em sala de aula de Língua Portuguesa, ao dinamizar o gênero Notícia e o fenômeno das *Fake News*, pode partir do Letramento Crítico, contribuindo de forma mais significativa para a formação de leitores críticos e reflexivos.

Referências

ALMEIDA, T. Letramento Crítico e o Ensino de Língua Portuguesa: Análise de um livro didático. *Fólio – Revista de Letras*, Vitória da Conquista, v. 12, nº 1, p. 1419-1433, jan./jun. 2020. Disponível em <https://doi.org/10.22481/folio.v12i1.5768>. Acesso em 11 jul. 2022.

BARTON, E. Linguistic Discourse Analysis: How the Language in Text Works. In: BAZERMAN, C.; PRIOR, P. (Ed.). *What Writing Does and How It Does It: An introduction to Analyzing Texts and Textual Practices*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2002.

CARBONIERI, D. Descolonizando o Ensino de Literaturas de Língua Inglesa. In: JESUS, D. M. de; CARBONIERI, D. (Org.). *Práticas de Multiletramentos e Letramento Crítico: outros sentidos para a sala de aula de línguas*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.

FRANCISCATO, C.E. *A fabricação do presente: como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais*. São Cristóvão (SE): Editora UFS Fundação Oviedo Teixeira, 2005.

HOHLFELDT, A. Hipóteses contemporâneas de pesquisa em comunicação. In: HOHLFELDT, A; MARTINO, L. C.; FRANÇA, V. V. (org.), *Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências*. Petrópolis: Vozes, 2001.

IRETON, C; POSETTI, J. (Org.). *Jornalismo, fake news & desinformação: manual para educação*. Paris: Unesco, 2019. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000368647>. Acesso em 16 de mai. 2022.

JANKS, H. Panorama sobre letramento crítico. In: JESUS, D. M.; CARBONIERI, D. *Práticas de Multiletramentos e Letramento Crítico: outros sentidos para a sala de aula de línguas*. Campinas: Pontes Editora, 2016.

MENESES, J. P. *Sobre a necessidade de conceptualizar o fenómeno das fake news*. Observatório (OBS*), Special Issue, vol. 12, nº 4, pp. 37-53, 2018. Disponível em: <http://obs.obercom.pt/index.php/obs/article/view/1376/pdf>. Acesso em: 10 de jul. 2021.

MENEZES JORDÃO, C. No tabuleiro da professora tem...Letramento Crítico? In: JESUS, D. M.; CARBONIERI, D. *Práticas de Multiletramentos e Letramento Crítico: outros sentidos para a sala de aula de línguas*. Campinas: Pontes Editora, 2016.

PENA, F. *Teoria do Jornalismo*. São Paulo: Contexto, 2005.

PINTON, F. M, BORDIM, C. T., SCHMITT, R.M. Letramento Crítico em atividades de leitura em livros didáticos de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental. In: *Caminhos em Linguística Aplicada*. Universidade de Taubaté, 2022. Disponível em: <http://periodicos.unitau.br/ojs/index.php/caminhoslinguistica/article/view/3383>. Acesso em: 28 de out. 2022.

SHOR, I. “*What is Critical Literacy?*”, *Journal of Pedagogy and Practice*: Vol.1: Iss. 4. Artigo 2, 1999. Disponível em: <https://digitalcommons.lesley.edu/jppp/vol1/iss4/2> . Acesso em 15 de jun. de 2022

TANDOC JR., E.C; LIM, Z.W., LING, R. *Defining “Fake News”*: A Typology of Scholarly Definitions. *Digital Journalism* 6 (2), 137-153. London, 2018. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4948550/mod_resource/content/1/Fake%20News%20Digital%20Journalism%20-%20Tandoc.pdf. Acesso em 15 de mai. 2022.

TRAQUINA, N. *Teorias do Jornalismo. A tribo jornalística: uma comunidade interpretativa transnacional*. Florianópolis: Insular, 2005.

TRÄSEL, M., LISBOA, S., VINCIPROVA, G. R. Pós-verdade e confiança no jornalismo: uma análise de indicadores de credibilidade em veículos brasileiros. In: *Brazilian Journalism Research, Fake news: desafios e riscos para o jornalismo contemporâneo*. Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPjor), 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.25200/BJR.v15n3.2019.1211>. Acesso em: 10 de jul. 2021.

WARDLE, C., DERAKHSHAN, H. Reflexão sobre a “desordem da informação”: formatos da informação incorreta, desinformação e má-informação. In: IRETON, C; POSETTI, J. (Org.). *Jornalismo, fake news & desinformação: manual para educação*. Paris: Unesco, 2019. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000368647>. Acesso em 16 de mai. 2022.